

TRANSCRIÇÃO

JESUÍTAS NO BRASIL

Frei Gaspar da Madre de Deus

Primeiro que todos fundaram suas casas no Brasil os sócios da extinta Companhia de Jesus, a qual nesse tempo estava na sua infância e maior auge de perfeição. Partiram de Lisboa em 10 de fevereiro de 1549, e chegaram à Bahia nos fins de março ou princípios de abril do mesmo ano, com Tomé de Sousa, povoador daquela cidade e primeiro Governador-Geral do Estado Brasileiro. Estes padres, que por todos eram seis, a quem governava o padre Manuel da Nóbrega, logo deram princípio a um colégio naquela povoação. No mesmo ano de 1549, mandou o padre Nóbrega à Capitania de São Vicente o padre Leonardo Nunes, e por seu companheiro o Ir. Diogo Jácome, os quais, na mencionada Vila de São Vicente, fundaram outro colégio, e este foi o segundo da Companhia, no Brasil. Depressa se estenderam os jesuítas pelas Capitânicas do Espírito Santo, Pernambuco e Porto Seguro, erigindo casas em todas estas povoações, ainda novas nesse tempo. Até o ano de 1533 (sic)*; estiveram sujeitos à província de Portugal, e Nóbrega os governava, subordinado com o título de Vice-Provincial. No dito ano de 1553, criou seu Patriarca, Ignácio, nova Província independente no Brasil, e para Provincial nomeou o referido padre Manuel da Nóbrega, o qual, no ano de 1554, deu princípio ao 3º colégio, nos campos de Piratininga.

Na igreja desta nova fundação se disse a primeira missa, aos 25 de janeiro, dia em que a Igreja celebra a Conversão do Doutor das Gentes, e por isso ficou chamando-se de São Paulo aquela casa, e depois também uma vila, hoje cidade, que posteriormente se levantou junto ao colégio, em 1560, por súplicas dos padres e ordens do Governador-Geral Mem de Sá, o qual extinguiu outra mais antiga, chamada de Santo André, erigida por João Ramalho e seus filhos na borda do Campo, e perto do lugar onde agora vemos a capela de São Bernardo, obrigando os moradores da primeira a se transmigrarem para o sítio do colégio, distante cousa de três léguas. Antes disso, havia mudado para o mesmo sítio a sua aldeia o Régulo Tibiriçá, desamparando o solar de seus maiores, que estavam junto ao rio Tietê, em distância de meia légua e vindo fazer a sua casa no solo que agora ocupa o Mosteiro de São Bento. Também se havia mudado com

(*) Aqui houve lapso na transcrição de Taunay: a data deve entender-se 1553 e não 1533, pois, neste ano, nem sequer havia sido fundada a Companhia de Jesus. Aliás, lidas adiante a data vem novamente citada, desta vez de maneira correta, eliminando qualquer dúvida (ONM).

sua gente Cuiuby ou Caiobig, senhor de Iraybatiba, e outros: depois de se criar vila em São Paulo, todos estes índios, a quem os portugueses antigos chamavam parceiros e compadres, foram habitar nas aldeias de Pinheiros e São Miguel, povoados nelas senhores e naturais de Piratininga. Esta foi a origem da cidade de São Paulo, e não a fabulosa, que lhe dá o beneditino francês Dom José Vaissette, na sua História Geográfica Eclesiástica e Civil, tom. 12, pág. 215, da impressão parisiense de 1755, onde, falando da Colônia de São Paulo, diz: — Ela deve a sua origem a uma tropa de espanhóis, portugueses, indianos, mestiços, mulatos e outros fugitivos, que por se esconderem e fugirem da tirania dos Governadores do Brasil, se ajuntaram neste lugar, e aí se estabeleceram etc. etc.

Depois de fundada a cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro, e nela um colégio, em 1567, extinguiu o Padre Inácio de Azevedo, Visitador Geral dos Jesuítas, o Colégio de São Vicente, e por ser a terra muito pobre, e as Religiões neles assistentes, mandou-os para o Rio de Janeiro, conservando, porém, sempre uma casa, que a sua Religião tinha na vila de Santos, a qual depois foi colégio, com o título de São Miguel.

Pelo ano de 1611, excitaram-se grandes contendidas entre os jesuítas e portugueses, moradores nesta Capitania, e as discórdias originadas da liberdade dos índios que os padres defendiam talvez com zelo excessivo, vieram produzir o seguinte atentado. Todas as vilas e suas câmaras constituíram procuradores que assistissem a um congresso celebrado na capital de São Vicente, onde resolveram expulsar os padres de toda a Capitania. Este acórdão comum executou a vila de São Paulo aos 13 de julho de 1640; o mesmo fez a de Santos, pondo ambas fora dos seus colégios, e, por consequência, expulsos de toda Capitania, os mencionados Religiosos. Treze anos durou o extermínio, e não obstante ordenar Sua Majestade, em 1643 e 1647, que tornassem para os seus colégios, só foram a eles restituídos pelos povos muito depois, no ano de 1653, e nem ainda então os admitiriam se lhes não valera o favor de alguns moradores principais, que por eles se empenharam depois dos padres se sujeitarem a várias condições, solenemente executadas em uma escritura que se lavrou na Câmara de São Vicente aos 14 de maio de 1653.

Em diversos tempos fundaram estes Religiosos os colégios da cidade de Paraíba, da de Olinda, da vila do Recife, da cidade da Bahia, onde tinham mais uma grande casa de Noviciados, e, no recôncavo da mesma cidade, o Seminário de Belém, o da vila da Vitória, na Capitania do Espírito Santo, o da cidade do Rio de Janeiro, o da vila de Paranaguá, além de várias casas em outras partes. Perseveraram no Brasil até o ano em que todos foram conduzidos para o Reino, em custódia. De Santos saíram em novembro de 1759, o de São Paulo no fim deste mesmo ano, ou princípios do seguinte, tudo em virtude das ordens que o Sr. D. José I, em Carta de 21 de julho de 1759, havia dirigido ao Conde de

Bobadela, Gomes Freire de Andrade, Governador e Capitão General de todas as Capitanias do Sul.

(**Notícia dos anos em que se descobriu o Brasil**, anexo à terceira edição das **Memórias para a História da Capitania de São Vicente**, págs. 367 a 370. São Paulo, Weiszflog Irmãos, 1920. Nas edições Martins e Itatiaia, a citação ocorre às págs. 237 a 240.)

*

* *